



Bolsas Universidade de Lisboa / Fundação Amadeu Dias

Edição 2011/2012

Relatório de Projeto

Projeto de Apoio Parental à Sobredotação

Bolseiro(a): Inês Reis

Faculdade de Psicologia
Curso: Psicologia
Ano: 3º ano

Tutor(a): Prof.^a Doutora Sara Bahia

Julho de 2012

ENQUADRAMENTO

Em Portugal, a sobredotação aparece referenciada a partir de 1980 e surge, em 1998, como tema numa tese de doutoramento sobre a caracterização da população sobredotada (Pereira, 1998). Seguiram-se outros trabalhos académicos (Costa, 2000; Oliveira, 2007) e de 2000 a 2010 realizaram-se 19 estudos de mestrado na área da sobredotação, distribuídos por temáticas como sinalização/identificação, avaliação, desenvolvimento social, entre outras (Miranda & Almeida, 2010). Um tema de estudo dentro deste domínio é o das características de sobredotação (Alencar, 2007; Bahia, 2011; Bahia & Oliveira, no prelo; Renzulli, 1978; Roedell, 1984; Schwean, Saklofske, Widdifield-Konkin, Parker & Kloosterman, 2006; Tuttle & Becker, 1983; Webb, 1994) e que serve de base a este estudo.

Relativamente ao domínio cognitivo e académico, as crianças sobredotadas são caracterizadas como possuindo uma elevada capacidade de raciocínio lógico e abstrato, atenção, observação e memória; desejo de aprender mais e depressa; fácil capacidade de generalização e transferência de conhecimentos; aquisição rápida da linguagem oral e da leitura. No domínio sócio emocional, destacam-se características de persistência em tarefas do seu interesse; sensibilidade a problemas sociais e pessoais; capacidade de liderança; imaginação fértil e curiosidade; aborrecimento com tarefas rotineiras; perfeccionismo; tendência para questionar as regras e a autoridade; pouco interesse pelo conformismo.

Algumas apresentam problemas sócio emocionais (Schwean et. al, 2006), como o “Efeito Pigmalião Negativo”, que ocorre quando os adultos não têm noção do potencial da criança sobredotada e, ao esperarem um desempenho muito acima das suas capacidades, não permitem que a criança expresse o seu verdadeiro potencial (e.g. Bahia, 2011). Este problema pode originar dos efeitos: externo – pais e professores, ao não valorizarem as necessidades das crianças e, ao tentarem que estas se ajustem à “normalidade”, levam-nas a negar as suas capacidades; e interno – o sobredotado esforça-se para se ajustar ao que se espera dele, negando as suas capacidades e interesses (Rodrigues, 2010).

Outro dos problemas denomina-se Dissincronia Evolutiva e refere-se às tensões e desajustamentos provocados pela disparidade que entre o rápido desenvolvimento da capacidade intelectual e o desenvolvimento de outras áreas, como a psicomotora e a afetivo-emocional, que evoluem de forma normal (e.g. Rodrigues, 2010). Isto pode-se repercutir negativamente ao nível da aprendizagem e ao nível social, podendo dar origem a sensibilidade intensa, isolamento social e rejeição pelos pares, perfeccionismo disfuncional e expectativas e pressões dos adultos (Bahia & Oliveira, no prelo).

Baixa Resistência à Frustração

Segundo Terrasier (1979), a Dissincronia Evolutiva é responsável por reações de frustração em alguns sobredotados. Por exemplo, a discrepância entre o nível intelectual e os níveis psicomotor e gráfico, de desenvolvimento mais tardio, pode levar a que muitas crianças se sintam frustradas perante a sua incapacidade de usar as mãos, dando origem a tentativas de controlo que, normalmente, conduzem à frustração (Alencar, 2007; Webb, 1994).

O perfeccionismo, o excesso de autocritica e a sensibilidade exagerada, características destas crianças, constituem fontes de *stress* (Alencar, 2007) e têm como consequências questionar o seu valor e o dos outros, tomar as críticas como pessoais, medo de falhar, evitar arriscar, e baixa resistência à frustração (Bahia, 2011). Algumas destas crianças apresentam um perfeccionismo neurótico, logo, não são capazes de se sentir satisfeitos com o seu desempenho, pois consideram que nunca atingem o nível desejado e é normal refazerem o mesmo trabalho inúmeras vezes; são excessivamente autocríticos e sensíveis a críticas externas e nunca veem os erros como uma oportunidade para aprender, mas como uma humilhação (Alencar, 2007; Bahia, 2011). Esta tendência para a perfeição absoluta leva muitas destas crianças a encararem-se a si mesmo como um fracasso, e a atribuírem as suas falhas a fatores estáveis, como a falta de capacidade e, por isso, a desistirem ao invés de experimentarem novas estratégias de resolução de tarefas (Roedell, 1984).

Parentalidade e Perfeccionismo

A investigação mostra que os pais de crianças sobredotadas se deparam com desafios difíceis e são os próprios a admitir que precisam de apoio para os mesmos (Morawska & Sanders, 2008). Neste sentido, alguma investigação nacional tem associado as características, dimensões e estratégias parentais às características de sobredotação dos filhos (e.g. Alves, 2008; Rodrigues, 2010; Martins, 2012).

O quadro conceptual de Baumrind (1966) descreve quatro estilos parentais. O estilo Autoritário caracteriza-se pela ênfase na obediência, pelo cumprimento das regras e pela restrição da autonomia; o de Autoridade Democrática pela individualidade da criança, pela transmissão de valores sociais e pela existência de um modelo disciplinar suficientemente flexível para garantir o desenvolvimento; o Permissivo pela boa responsividade da criança, no entanto, também são evidentes lacunas ao nível da imposição dos limites e da disciplina; o Negligente pela ausência de respostas parentais às necessidades e comportamentos das crianças. O estilo de autoridade democrática parece ser o mais equilibrado, aumentando as competências das crianças e o seu bem-estar psicossocial (Rodrigues, 2010).

O modelo de Flett e colaboradores (Neumeister, Williams & Cross, 2009) relaciona os estilos parentais com o perfeccionismo nos filhos. Afirma que pais com expectativas elevadas em relação aos filhos tendem a demonstrar reações constantemente positivas em relação à sua inteligência, o que leva estas crianças, quando falham, a acreditar que não merecem o valor que lhes é atribuído. Esta descrição dos pais é concordante com o estilo de autoridade democrática. O perfeccionismo pode também ser o efeito de uma educação parental severa, onde são exercidas medidas punitivas quando as crianças não vão ao encontro das expectativas dos pais. Esta descrição é consistente com o estilo autoritário.

Neste enquadramento teórico, ficaram claros dois aspetos importantes: existem crianças sobredotadas que apresentam perfeccionismo, logo é essencial apoiá-las e ajudá-las a compreender e a lidar com a psicodinâmica da sua conduta (Alencar, 2007); e que também a família destas crianças precisa de acompanhamento pois tem dificuldades em lidar com a dissincronia evolutiva dos filhos, sentindo-se perdida sobre a melhor maneira de os orientar (Alencar, 2007). Os objetivos deste projeto prendem-se com estes dois aspetos.

OBJETIVOS

O presente estudo tem como finalidade principal dar resposta às dúvidas e receios dos pais relativamente à melhor forma de lidar com os seus filhos. Para isso, pretende-se estudar quais as melhores estratégias que os pais podem adotar para diminuir a baixa resistência à frustração dos seus filhos sobredotados. Assim, os objetivos desta investigação são os seguintes: descrever as estratégias que os pais utilizam para lidar com a frustração dos seus filhos; verificar a eficácia percebida pelos pais em relação a essas mesmas estratégias; comparar a perceção dos pais e dos filhos relativamente à eficácia das estratégias; e sugerir e contextualizar um conjunto de estratégias eficazes, de acordo com situações e características das crianças.

METODOLOGIA

Entrevista Semi-Diretiva: a escolha desta metodologia qualitativa de recolha de dados deve-se ao carácter exploratório do estudo, visto que esta permite, por um lado, recolher informações comuns a todos os entrevistados e, por outro, aprofundar as vivências únicas de cada indivíduo. As entrevistas derivaram de um plano prévio que abordou os principais tópicos, sob a forma de perguntas relativamente abertas, enquadradas em grandes blocos temáticos de informação, permitindo a ocorrência de adaptações durante a entrevista. Foram realizadas entrevistas aos pais e aos respetivos filhos.

A entrevista aos pais (Anexo I) teve os seguintes objetivos: caracterizar a criança, os antecedentes de frustração e a relação parental; descrever e avaliar as estratégias adotadas para ajudar os filhos a ultrapassar os sentimentos de frustração; identificar perspetivas em relação ao futuro dos filhos. A entrevista aos filhos (Anexo II) teve os seguintes objetivos: avaliar a sua perceção de eficácia quanto às estratégias utilizadas pelos pais; pedir sugestões de estratégias eficazes para serem utilizadas pelos pais.

Sujeitos: neste estudo participaram 6 pais e 3 filhos. Os filhos frequentavam o Programa de Enriquecimento da Delegação de Lisboa da Associação para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (ANEIS), no ano letivo 2011/2012. A amostragem é constituída por 2 pais e 4 mães (na qual se incluem 2 casais), com uma média de idade de 41. Relativamente às crianças, fizeram parte da amostra 1 criança do sexo masculino e 2 crianças do sexo feminino (não foi possível realizar a entrevista a uma das crianças pois esta deixou, na altura da realização das entrevistas, de frequentar o programa de enriquecimento), com uma média de idades de 7,7. Os participantes residiam nas zonas de Setúbal e Lisboa.

Procedimentos: os dados foram recolhidos entre Dezembro a Abril. As entrevistas aos pais variaram entre 28 e 54 minutos e as das crianças entre 10 e 11 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio. O seu conteúdo foi analisado pelo processo de categorização e contagem de frequências, permitindo a identificação de grandes categorias. Esta técnica foi escolhida porque descreve objetivamente a informação obtida na entrevista, arrumando o seu conteúdo num conjunto de categorias de significação, para depois o interpretar (Amado, 2000). Esta metodologia teve como base a revisão de literatura sobre as necessidades emocionais das crianças sobredotadas e as dimensões de parentalidade.

RESULTADOS

I. Caracterização da Criança e dos Antecedentes da Frustração

A **tabela 1** apresenta as características dos filhos, de acordo com a identificação feita pelos pais. Os itens foram agrupados em 3 categorias: cognitivo, emocional e social.

Tabela 1 – Caracterização Cognitiva, Emocional e Social das crianças A, B e C

Categorias Crianças	Cognitivo	Emocional	Social
Criança A	<ul style="list-style-type: none">- Inteligência- Interesse pela Aprendizagem- Capacidade de manipular informação- Capacidade de transferir conhecimento	<ul style="list-style-type: none">- Sensibilidade- Maturidade Emocional- Baixa Resistência à Frustração- Dissincronia Evolutiva- Perfeccionismo	<ul style="list-style-type: none">- Diferença de interesses- Linguagem elaborada para a idade

Criança B	<ul style="list-style-type: none"> - Raciocínio Lógico - Interesse pela Aprendizagem - Rapidez de Raciocínio - Sucesso Escolar - Determinação e Persistência - Inteligência - Necessidade de explicações lógicas 	<ul style="list-style-type: none"> - Sensibilidade - Perfeccionismo - Baixa Resistência à Frustração - Maturidade Emocional - Negação das capacidades 	<ul style="list-style-type: none"> - Tendência para questionar regras - Diferença de interesses - Isolamento
Criança C	<ul style="list-style-type: none"> - Rapidez de Raciocínio - Aquisição rápida da linguagem oral - Aquisição rápida da leitura - Interesse pela Aprendizagem - Necessidade de explicações lógicas 	<ul style="list-style-type: none"> - Imaturidade Emocional - Tédio e Aborrecimento - Perfeccionismo - Sensibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Tendência para questionar regras - Isolamento

A **tabela 2** apresenta as características identificadas pelos pais como sendo desencadeadoras de comportamentos de frustração nos seus filhos.

Tabela 2 – Caracterização das crianças em relação aos antecedentes de frustração

Antecedentes	Evitar arriscar	Medo de errar	Necessidade de realizar rapidamente	Medo de desiludir	Necessidade de atingir sucesso à 1ª
Criança A	X	X	X		X
Criança B		X	X		X
Criança C		X		X	X

A **tabela 3** apresenta as perspetivas parentais quanto ao futuro dos filhos, através de uma avaliação numa escala de 1 a 5, sendo 1 “nenhuma preocupação” e 5 “muita preocupação”.

Tabela 3 – Preocupações dos pais em relação ao futuro dos filhos

Categorias	Nível	Frequências	Média	Desvio Padrão
Cognitivo	1	5	1,333333	0,82
	2	0		
	3	1		
	4	0		
	5	0		
Emocional	1	0	4,5	0,84
	2	0		
	3	1		
	4	1		
	5	4		
Expectativas Futuras	1	1	4	1,55
	2	0		
	3	0		
	4	2		
	5	3		

II. Descrição das estratégias utilizadas pelos pais para lidar com a frustração

A **tabela 4** apresenta as estratégias utilizadas pelos pais para lidar com os comportamentos de baixa resistência à frustração dos seus filhos. A tabela foi organizada em Categorias (estratégias utilizadas), Itens (explicação sucinta das estratégias), Frequência (Freq.* - número de pais que refere a estratégia em causa) e Exemplos.

Tabela 4 – Estratégias utilizadas pelos pais para lidar com a frustração dos seus filhos

Categorias	Itens	Freq.*	Exemplos
Manutenção da Autoridade	- Tentativa de impor uma mudança de atitude, através da firmeza - Não-aceitação do comportamento	4	"Fazia-lhe frente; dizia-lhe 'Para com isso, ninguém fica triste com uma coisa dessas!'" "Digo 'acabou', não admito que ela continue com aquilo."
Desvio da Atenção	- Mudar o foco de atenção, falando de um assunto diferente	1	" (...) Senão se mudar de assunto, eles continuam a ripostar e a insistir."
Utilização de Modelos de Comportamento	- Através de biografias de personalidades, mostrar que existem diferentes tipos de perfeição e que os artistas também erram	2	"Demos-lhe a biografia do Da Vinci, para lhe mostrar que pessoas boas, não eram consideradas boas no início (...) que não foi à primeira."
Responsabilização e Fomentação da Autonomia	- Associar o comportamento mais frequente à companhia do(a) mãe/pai	1	"Digo 'Veste-te. Volto daqui a uns minutos, para ver se já te vestiste e se mereces a minha companhia.'"
Relativização do Comportamento	- Apelo ao Comportamento mais Frequente: através da conversa, mostrar que o comportamento não foi o mais adequado	1	"Falo calmamente com ele e digo seriamente 'achas normal um miúdo chorar em frente a um jogo, a uma bola?'"
	- Aliviar a Pressão: brincar com as situações, relativizando a sua importância e as suas consequências	2	"Como ela não ia entrar no quadro de honra, (...) brincámos a dizer que então não precisava de chegar a horas à escola, etc."
Relativização do Erro	- Aprender com o Erro: mostrar que é possível ultrapassar e rentabilizar o erro, transformando-o em algo positivo	3	"Digo que, (...) apesar dos erros, o desenho está giro." "Mostro-lhe que toda a gente erra e que dos erros podem resultar coisas boas."
	- Emendar: apoiar e ajudar a criança, mostrando que é possível corrigir	2	" (...) mostro que é possível emendar e deixo-a acalmar-se enquanto eu arranjo o erro."
Aceitação do Comportamento	- Fornecer Afeto e Apoio: aceitação da Criança, através de uma manifestação física e verbal de afeto	1	"Abraço-o em silêncio e limpo-lhe as lágrimas. Digo que gosto muito dele e que vamos resolver a situação a falar."
	- Ser "compincha": ser tolerante, aceitar o comportamento, e mostrar,	3	"Tento (...) mostrar-lhe as coisas a bem sem forçar." "Quando ela não consegue

	sem impor, o comportamento mais frequente		fazer as coisas e chora, eu vou lá e ajudo-a, explico-lhe como se faz.”
Reflexão sobre o Comportamento e a Situação	- Conversar sobre o seu comportamento numa determinada situação e dar-lhe tempo para pensar	2	“Converso muito e espero, porque tenho de esperar que toda aquela conversa faça um clique na cabeça dela.”

Quatro dos pais (67%) identificaram a estratégia “Manutenção da Autoridade”, ou seja, a não-aceitação do comportamento e a imposição de uma mudança de atitude. Na categoria “Relativização do Erro”, três dos pais (50%) referiram a estratégia “Aprender com o Erro”, que consiste em rentabilizar e transformar o erro em algo positivo, e dois dos pais (33%) identificaram a estratégia “Emendar”, portanto, apoiar a criança a corrigir e disfarçar o erro. Na categoria “Aceitação do Comportamento”, três dos pais (50%) referiram a estratégia “Ser ‘Compíncha’”, que se reflete em ser tolerante perante os comportamentos de frustração, mostrando o comportamento mais frequente, e um dos pais nomeou a estratégia “Fornecer Afeto e Apoio” através de manifestações físicas e verbais. Quanto à categoria “Relativização do Comportamento”, dois dos pais (33%) referiram a estratégia “Aliviar a Pressão”, ou seja, relativizar o comportamento, as situações e as suas consequências e, um dos pais nomeou a estratégia “Apelo ao Comportamento mais Frequente”, portanto, mostrar à criança, através da conversa, a inadequação do seu comportamento. Dois dos pais (33%) identificaram a “Utilização de Modelos de Comportamento”, importante para promover o autoconhecimento e para mostrar que existem diferentes tipos de perfeição. Dois outros pais nomearam a estratégia “Reflexão sobre o Comportamento e a Situação” que requer um diálogo com a criança sobre os seus comportamentos de frustração, seguindo-se um período de reflexão, no qual a criança pondera sobre a conversa. Houve uma referência à estratégia “Desvio da Atenção”, que consiste em provocar a distração, impedindo que a criança se foque na frustração. Foi ainda referida a estratégia “Responsabilização e Fomentação da Autonomia”, ou seja, a associação do comportamento “adequado” à companhia do progenitor.

III. Eficácia percecionada pelos pais em relação às estratégias

A **tabela 5** apresenta a eficácia percecionada pelos pais, numa escala de 1 a 5, sendo 1 “nenhuma eficácia” e 5 “muita eficácia”, em relação a cada uma das estratégias por si referidas. Assim, optámos por utilizar como categorias as estratégias já referidas. Apesar de alguns dos pais não se terem sentido confortáveis em apontar um nível da escala, decidimos mesmo assim, atribuir um nível de eficácia de 1 a 5 a essas estratégias, de acordo com as informações prestadas por estes pais em relação à eficácia das mesmas.

Tabela 5 – Perceção dos pais sobre a eficácia das estratégias na modificação de comportamento dos seus filhos

Categorias		Eficácia	Média	Exemplos
Manutenção da Autoridade		1	2,25	"A situação apenas piorava. (...) Não há nenhuma eficácia (...)."
		2		"Só resulta em algumas situações."
		3		" (...) [Só resulta] quando, depois de eu desvalorizar, a mãe lá vai (...) e explica-lhe a situação."
		3		
Desvio da Atenção		4*	4	"Resulta. Os miúdos rapidamente mudam de assunto"
Utilização de Modelos de Comportamento		4*	4	" (...) Tem-na ajudado ao longo do tempo a [controlar a] frustração."
Responsabilização e Fomentação da Autonomia		4	4	" (...) só resulta comigo, porque ela quer a minha companhia e por isso faz aquilo. Mas demora tempo ..."
Relativização do Comportamento	Apelo ao comportamento mais frequente	3*	3	"Normalmente, consigo o bom senso dele."
	Aliviar a pressão	4*	4	"Não lhe dizemos que estamos atrasados e quando chegarmos (...) ela percebe que estamos atrasados e, não há crise"
Relativização do Erro	Aprender com o Erro	4*	4	"Também resulta muito bem." "Tem-na ajudado, com o tempo, a não ser tão perfeccionista."
	Emendar	3*	3	"Esta estratégia resultava mais quando ela era pequena."
Aceitação do Comportamento	Fornecer Afeto e Apoio	5	5	"Normalmente volta para a tarefa"
	Ser "Compincha"	4*	4	"Por exemplo, na <i>wii</i> , funciona muito bem" "Resulta a longo prazo, porque não tem logo impacto, na medida em que ela continua a resmungar..."
Reflexão sobre o Comportamento e a Situação		3	3	" (...)Depende muito das situações."
		3		"Sei que não resolve. Mas ela fica a pensar e, quando aquilo fizer sentido, então ela consegue encaixar a situação"

*Implícito nas informações fornecidas pelos pais durante a entrevista

IV. Comparação das perceções de pais e filhos em relação à eficácia das estratégias

A **tabela 6** apresenta a eficácia percecionada pelos pais e pelas crianças, relativamente a cada uma das estratégias parentais.

Tabela 6 – Comparação da eficácia percecionada pelos pais com a eficácia percecionada pelas crianças, em relação às estratégias anteriores

Estratégias	Perceção de Eficácia dos pais	Perceção de Eficácia das crianças
Relativização do Erro - Emendar	"(...) resultava mais quando ela era pequena, 4 ou 5 anos." (pais criança A)	"Sim. Porque como eles apagaram o risco, assim já posso desenhar melhor." (criança A)
Relativização do Erro – Aprender com o Erro	"Tem-na levado, com o tempo, a não ser tão perfeccionista." (Mãe criança A) "Esta estratégia também resulta muito bem." (Pai criança A)	"(...) se desenhar a cabeça de um dinossauro, e depois engano-me e faço um risco (...) e transforma-se na cabeça de uma borboleta (...) isso não me ajuda, porque não é um dinossauro!" (criança A)
Relativização do Comportamento – Aliviar a Pressão	"Não lhe dizemos que estamos atrasados e quando chegarmos (...) ela percebe que estamos atrasados e não há crise." (pais criança A)	"Eu nunca me preocupei com as notas. Nunca na vida (...) não me preocupo com muitas coisas." (criança A)
Utilização de Modelos de Comportamento	"Acredito que a tem ajudado ao longo do tempo. Noto uma grande melhoria no controlo da frustração." (pais criança A)	"Com ele [Leonardo Da Vinci] percebi que é normal enganarmos porque se eu não me tivesse enganado quando desenei um cavalo (...) não tinha conseguido fazer um cavalo bom." (criança A)
Manutenção da Autoridade	"Muitas vezes dá resultado. Noutras coisas não funciona minimamente (...)." (pais criança B) "Não funciona mesmo com as questões das relações humanas, mas se pensarmos nas situações práticas, normalmente funciona." (pais criança B) "Não é nada eficaz." (mãe criança C)	"Não. Não ajuda nada. (...) Sinto-me ainda mais triste quando o papá diz aquilo." (criança B) "Fico um bocadinho arrependido, peço desculpa, outras vezes não, fico mesmo enervado e só passado um bocado é que fico melhor." (criança C)
Aceitação do Comportamento – Ser "Compincha"	"Por exemplo, na wii, funciona muito bem." (pais criança B)	"Sinto-me mais contente." (criança B)
Reflexão sobre o Comportamento e a Situação	"Depende das situações. (...) Sei que não resolve. Mas ela fica a pensar e, quando aquilo fizer sentido, então [encaixa] a situação." (pais criança B) "Passado algum tempo, às vezes, ele volta à tarefa, mesmo que eu não volte a falar no assunto." (mãe criança C)	"Se ela [mãe] me abraçar e falar comigo, eu sinto-me bem, sinto-me contente." (criança B) " (...) passado algum tempo, às vezes penso, 'vou tentar outra vez'. Sinto-me mais feliz depois de ela falar comigo, mas não totalmente, porque ainda não consigo passar o nível." (criança C)

A **tabela 7** apresenta a comparação entre a eficácia média percecionada pelos pais e a eficácia média percecionada pelos filhos em relação a cada uma das estratégias, de acordo com uma escala de 1 a 5, sendo 1 "nada eficaz", 2 "pouco eficaz", 3 "moderadamente eficaz", 4 "eficaz" e 5 "muito eficaz". Visto que não foi pedido às crianças para avaliar as estratégias de acordo com esta escala, optámos por atribuir a essas estratégias um nível de 1 a 5, de acordo com as informações prestadas pelas crianças.

Tabela 7 – Comparação da percepção da eficácia de pais e filhos

Eficácia Categorias	Pais					Filhos				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Relativização do Erro - Emendar			X							X*
Relativização do Erro – Aprender com o Erro				X		X*				
Relativização do Comportamento – Aliviar a Pressão				X		X*				
Utilização de Modelos de Comportamento				X						X*
Manutenção da Autoridade		X					X*			
Aceitação do Comportamento – “Ser “Compincha				X					X*	
Reflexão sobre o Comportamento e a Situação			X							X*

*Implícito nas informações fornecidas pelos filhos durante a entrevista

V. Descrição das estratégias parentais sugeridas pelos filhos

A **tabela 8** apresenta as sugestões das crianças A, B e C de estratégias que gostariam que os pais adotassem para as ajudar a ultrapassar os sentimentos de frustração.

Tabela 8 – Sugestões das crianças A, B e C de estratégias eficazes

C*	Categorias	Itens	Freq.**	Exemplos
A	Valorização e Aceitação das Capacidades	- Confiança nas suas capacidades - Aceitação do erro	1	“Gostava que dissessem que eu ia conseguir e que não tinha de me preocupar por fazer mal.”
A	Fornecimento de Materiais que promovam a Evolução das Capacidades	- Oferta de materiais úteis para desempenhar a tarefa	1	“(…) o meu pai ofereceu-me um (…) boneco de madeira (…) e a partir daí eu consegui fazer os meus desenhos melhor (…).”
B, C	Transmissão de Competências e Apoio na sua Aplicação	- Ajudar a criança a desenvolver novas competências, de modo a alcançar os seus objetivos - Acompanhar a criança ao longo da tarefa	2	“(…) gostava que eles me dissessem: ‘B, eu ajudo-te a fazer um desenho mais bonito.’ E que [o] fizessem comigo.” “Por exemplo... fazer um quantos-queres, [Gostava que a minha mãe] me ensinasse a fazer um.”
B	Proteger e Garantir a Segurança	- Providenciar ajuda ao nível dos cuidados físicos	1	“[Quando caio da bicicleta] queria que o papa me mandasse para casa, para ir pôr um penso.”
C	Controlo da Situação pelo Estabelecimento de Regras	- Identificar, definir o problema e controlar a situação	1	“Gostava que me perguntasse qual o problema e que ela [mãe] definisse os limites, o que é que podíamos ou não fazer (...)”

* Crianças; ** Frequência

Uma das crianças identificou a estratégia “Valorização e Aceitação das Capacidades” que consiste em confiar nas capacidades da criança, transmitindo-lhe essa confiança e aceitando os seus erros. Outra criança sugeriu o “Fornecimento de Materiais que Promovam a Evolução das Capacidades”, ou seja, a oferta de materiais que facilitem o desempenho nas tarefas onde as crianças têm dificuldades. A “Transmissão de Competências e Apoio na sua Aplicação” foi proposta por duas crianças. Nesta os pais devem acompanhar a criança ao longo do desempenho nas tarefas, ajudando-a a desenvolver as competências necessárias à sua realização. A estratégia “Proteger e Garantir a Segurança” foi nomeada por uma criança e consiste na proteção do seu bem-estar físico, quando se encontra numa situação que lhe desperta ansiedade e insegurança. Outra criança identificou o “Controlo da Situação pelo Estabelecimento de Regras”, que exige o entendimento, por parte dos pais, de qual a situação que está na origem dos comportamentos de frustração, bem como o estabelecimento de limites que garantam o controlo dessa situação por parte da criança.

EXECUÇÃO FINANCEIRA

O custo total rondou os 134 € (gravador, *dossiers*, deslocações, folhas A4). O aumento de cerca de €15 no plano orçamental final deve-se ao aumento do preço dos bilhetes dos transportes públicos e à compra do livro Análise de Conteúdo de Laurence Bardin.

CONCLUSÃO

I. Relação das estratégias com os estilos parentais

As estratégias “Manutenção da Autoridade” e “Responsabilização e Fomentação da Autonomia” podem ser enquadradas no estilo parental autoritário, pois não têm em conta as necessidades da criança. A primeira recorre ao confronto para exigir o cumprimento das regras (Baumrind, 1966) e a segunda foca-se na obediência e na manipulação da criança. Por outro lado, a estratégia “Relativização do Comportamento – Aliviar a Pressão”, parece situar-se na charneira entre o estilo parental permissivo e o de autoridade democrática, pois aceita de forma pacífica as características das crianças, sem recorrer ao controlo do comportamento ou à imposição de limites (Baumrind, 1966).

Todas as restantes estratégias podem ser inseridas no estilo parental de autoridade democrática, pelas razões em seguida apresentadas e que são fundamentadas em Baumrind (1966). A estratégia “Relativização do Erro” envolve uma orientação racional das ações da criança e uma resposta de apoio às suas dificuldades. A “Aceitação do Comportamento” valoriza a individualidade da criança e controla as suas atitudes, através da demonstração do comportamento mais adequado. Na categoria “Relativização do

Comportamento”, a estratégia “Apelo ao Comportamento mais Frequente” apela ao comportamento mais comum, tendo em conta as necessidades da criança. A “Utilização de Modelos de Comportamento” respeita as características da criança, utilizando modelos para a transmissão de valores pessoais e sociais. A “Reflexão sobre o Comportamento e a Situação” responde de forma flexível às especificidades da criança, considerando o dar e receber verbal. O “Desvio da Atenção” exige um controlo subliminar do comportamento, sem recorrer a confrontos e tendo em conta as características emocionais da criança.

I. Comparação das perceções de eficácia de pais e filhos

De modo geral, as perceções de eficácia de pais e filhos em relação às estratégias anteriormente apresentadas são diferentes.

As estratégias “Relativização do Comportamento – Aliviar a Pressão”, “Manutenção da Autoridade” e “Relativização do Erro – Aprender com o Erro” são as percecionadas pelos filhos como menos eficazes. Nada se pode concluir em relação à primeira, pois a criança, quando confrontada com exemplos de situações em que esta estratégia é utilizada pelos pais, afirmou que estas situações não eram desencadeadoras de frustração e que, portanto, não existiria necessidade de utilizar tal estratégia. A segunda estratégia não é eficaz pois não vai ao encontro do perfeccionismo, da auto-crítica e da sensibilidade exagerada destas crianças (Alencar, 2007). Os pais não valorizam e não compreendem as suas necessidades e tentam que estas se ajustem à “normalidade” – relacionada com o Efeito Pigmalião Negativo Externo (Rodrigues, 2010) – o que leva ao reforço do comportamento inadequado e ao agravamento dos sentimentos de frustração. A terceira estratégia, apesar de admitir o perfeccionismo das crianças, não resulta pois não reconhece que este tem como consequências o medo de errar e a necessidade de alcançar o sucesso na primeira tentativa e também não tem em conta que estas crianças nunca veem os erros como uma forma de aprender, mas como uma humilhação (Alencar, 2007; Bahia, 2011).

As estratégias “Relativização do Erro – Emendar”, “Reflexão sobre o Comportamento e a Situação” e “Utilização de Modelos de Comportamento” são percecionadas pelos filhos como as mais eficazes. A primeira mostra à criança que é possível corrigir logo, vai ao encontro da sua necessidade de perfeição (Schwean et. al, 2006), valorizando o seu medo de falhar. A segunda permite ao progenitor, através do diálogo sobre a situação e sobre as emoções da criança, aproximar as suas expectativas do verdadeiro potencial cognitivo e emocional da criança – relacionada com a Dissincronia Evolutiva (Bahia & Oliveira, 2011 – no prelo) – permitindo que esta se liberte do medo de o desiludir e reflita sobre o seu próprio perfeccionismo. A última leva as crianças a identificarem-se com modelos de

comportamento, mostrando-lhes que o erro é normal e que constitui uma oportunidade de aprendizagem (Alencar, 2007) de novas estratégias de resolução (Roedell, 1984).

As estratégias parentais consideradas mais eficazes pelos filhos são as que se inserem num estilo parental de autoridade democrática. Isto ocorre, provavelmente, porque este estilo conduz ao desenvolvimento de estratégias mais equilibradas, que vão contribuir para a melhoria das competências das crianças e do seu bem-estar psicossocial (Rodrigues, 2010).

II. Expectativas Parentais e Baixa Resistência à Frustração

O estilo parental autoritário democrático está associado a elevadas expectativas parentais em relação ao futuro dos filhos (Neumeister, Williams & Cross, 2009), o que é exemplificado na tabela 3, na qual se observa que o nível médio de preocupação dos pais quanto ao domínio cognitivo é 1,(3). Afirmam não ter preocupações a este nível, pois consideram que os filhos são inteligentes e que, a nível académico, não apresentarão grandes problemas. Estas elevadas expectativas podem estar na base da baixa resistência à frustração, pois podem originar reações constantemente positivas dos pais em relação à inteligência dos filhos, logo, quando estes falham, acreditam que não são tão inteligentes como os pais pensam (Neumeister, Williams & Cross, 2009). Além disto, o nível médio de preocupação dos pais quanto às expectativas futuras é 4, o que significa que apresentam expectativas quanto ao futuro dos seus filhos e receios que estas não venham a ser alcançadas. Também isto pode conduzir ao “Efeito Pigmalião Negativo” e ao medo de desiludir os pais.

IV. Contextualização de estratégias eficazes, de acordo com as situações e com as características das crianças

A criança A avaliou a estratégia “Relativização do Erro – Emendar” como muito eficaz, especialmente em situações de desempenho prático e/ou artístico. A sua sensibilidade intensa, baixa resistência à frustração, perfeccionismo (tabela 1) e medo de errar (tabela 2) coadunam-se com uma estratégia que conduz à anulação do erro, de uma situação que ameaça a confiança da criança nas suas capacidades. A estratégia “Utilização de Modelos de Comportamento” foi avaliada como muito eficaz. Esta percepção de eficácia pode estar relacionada com o fato de A mostrar interesse pela aprendizagem e pelo conhecimento intelectual e artístico (e.g. ler biografia de personalidades históricas), ter maturidade emocional, o que lhe permite, provavelmente, perceber que existem diferentes tipos de perfeição, e apresentar capacidades elevadas de manipulação e transferência de informação, útil para a ajudar a relacionar o que lê e observa com as suas próprias vivências (p.e. Leonardo Da Vinci, tal como A, também cometia erros) (tabela 1). As estratégias que a

criança A sugere relacionam-se com o seu medo de errar. O “Fornecimento de Materiais que promovam a Evolução das Capacidades” é eficaz e semelhante à anterior, porque ambas vão ao encontro das características da criança já mencionadas. Também o boneco de madeira (tabela 6) é um modelo a partir do qual A manipula e transfere conhecimento. A estratégia “Valorização e Aceitação das Capacidades” permite-lhe ganhar confiança nas suas competências e pode ser usada em situações de desempenho intelectual e artístico, pois ajuda A a aceitar o erro e a arriscar. Concluindo, visto que as reações de frustração de A surgem principalmente em situações de ação prática e concreta, as estratégias mais eficazes devem estar centradas na melhoria do desempenho nestas situações.

A criança B avaliou a estratégia “Aceitação do Comportamento – Ser ‘Compíncha’” como eficaz. O seu perfeccionismo, medo de errar e necessidade de ter sucesso à primeira (tabela 1 e 2) podem ser “apaziguados” pelo carácter tolerante e de aceitação desta estratégia. Esta é eficaz em situações concretas do quotidiano (ex: andar de bicicleta), pois conduz ao comportamento mais frequente, através da demonstração prática do mesmo. A “Reflexão sobre o Comportamento e a Situação” foi avaliada como muito eficaz, principalmente em situações de carácter social ou emocional, nas quais B tem dificuldade em regular as emoções, de modo a adequar-se ao meio (e.g. zanga com uma amiga). Isto deve-se, provavelmente, à sensibilidade e maturidade emocional de B, à sua necessidade de explicações lógicas (tabela 1) e à sua cumplicidade com os pais, características que lhe permitem avaliar a situação e a adequação do seu comportamento perante a mesma. B sugeriu a adoção da estratégia “Proteger e Garantir a Segurança” em situações em que a confiança nas suas capacidades é ameaçada – quando há possibilidade de erro, o que está relacionado não só com as suas características emocionais, mas também com o fato de B se encontrar numa faixa etária ainda muito dependente da segurança paternal (7 anos), à qual recorre para restaurar a confiança em si mesma. B sugeriu também a utilização da estratégia “Transmissão de Competências e Apoio na sua Aplicação” em situações intelectuais e/ou artísticas, pois esta dá resposta às suas necessidades emocionais, ao seu interesse pela aprendizagem e à sua persistência em atingir os objetivos.

A criança C apresenta pontos em comum com B. Ambas avaliaram a estratégia “Reflexão sobre o Comportamento e a Situação” como muito eficaz, o que poderá estar relacionado com as características de perfeccionismo, sensibilidade, necessidade constante de explicações lógicas (tabela 1), e cumplicidade com a mãe, todas elas presentes nas duas crianças. Ambas sugeriram também a utilização da estratégia “Transmissão de Competências e Apoio na sua Aplicação” em situações de desempenho intelectual e/ou artístico. Tal como B, C também apresenta perfeccionismo, medo de errar e interesse pela

aprendizagem, características tidas em conta nesta estratégia que, ao favorecer o acompanhamento parental e a transmissão de novas competências, vai ajudar C a ter “sucesso à primeira”, evitando a frustração. C sugere ainda a utilização da estratégia “Controlo da Situação pelo Estabelecimento de Regras” em situações de carácter social que envolvam a transmissão e regulação de emoções perante outros. A sensibilidade exagerada de C, a sua imaturidade emocional (tabela 1) e as suas dificuldades na gestão de emoções, que a levam muitas vezes a isolar-se em situações sociais, por não conseguir aceitar as opiniões dos colegas, podem ser ultrapassadas com esta estratégia parental, que garante a C controlo sobre a situação, o que, consequentemente o faz sentir-se mais seguro do seu desempenho, adequando a sua ação e emoções aos limites estabelecidos.

Em jeito de conclusão, este estudo teve como objetivo perceber quais as melhores estratégias parentais para lidar com a frustração das crianças sobredotadas. A fim de prevenir ou diminuir o impacto do desajuste emocional das crianças sobredotadas, é essencial apoiar os pais e, para isso, foi descrito um “guia” de indicações personalizadas de acordo com diferentes situações e diferentes características das crianças. É essencial que, a partir deste momento, haja um maior enfoque nas necessidades dos pais, pois a família parece ser essencial na promoção da excelência e na prevenção de dificuldades ao longo do desenvolvimento destas crianças (Bahia & Oliveira, 2011 - no prelo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar, E. S. (2007). Características sócio emocionais do superdotado: questões atuais. *Psicologia em Estudo*, 12, 371-378.
- Alves, H. A. S. (2008). *Estratégia educativa: O caso das famílias de crianças Sobredotadas*. Tese de mestrado não publicada. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Amado, J. S. (2000). A técnica de análise de conteúdo. *Referência*, 5, 53-63.
- Bahia, S. (2011). A vida emocional e afetiva dos alunos sobredotados. *Revista Diversidades* (34), 7-11.

Bahia, S. & Oliveira, E. P. (2011, no prelo). Diferenças individuais e necessidades de aprendizagem. In F. Veiga & L. Almeida (Eds). *Psicologia educacional*. Editora a definir.

Miranda, L. C. & Almeida, L. S. (2010). A investigação em Portugal em torno da sobredotação e da excelência: Análise a partir de teses de mestrado e doutoramento. *Sobredotação*, 11, 89-102.

Morawska, A., & Sanders, M. R. (2008). Parenting gifted and talented children: what are the key child behavior and parenting issues?. *The Royal Australian and New Zealand College of Psychiatrists*, 42, 819-827.

Neumeister, K. L., Williams, K. K. & Cross, T. L. (2009). Gifted High-School Students' Perspectives on the Development of Perfectionism. *Roeper Review*, 31, 198-206.

Pereira, M. A. (1998). *Crianças sobredotadas: Estudos de caracterização*. Tese de doutoramento não publicada. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Renzulli, J. S. (1978). What makes giftedness? Reexamining a definition. *Phi Delta Kappan*, 60 (5), 180-184, 261.

Roedell, W. C. (1984). Vulnerabilities of Highly Gifted Childre. *Roeper Review*, 6, 127-130.

Rodrigues, N. C. M. (2010). *Pais de Crianças Sobredotadas: Representações e Dimensões Parentais*. Tese de Mestrado em Psicologia – Área de Especialização: Psicologia da Educação e da Orientação, Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia.

Schwean, V. L., Saklofske, D. H., Widdifield-Konkin, L., Parker, J. & Kloosterman, P. (2006). Emotional intelligence and gifted children. *E-Journal of Applied Psychology: Emotional Intelligence*, 2(2), 30-37.

Terrassier, J. C. (1981). The negative pigmalian effect. In A. H. Kramer (Ed.), *Gifted children: Challenging their potential: New perspectives and alternatives* (pp. 82-84). New York: Trillium.

Tuttle, F. B. & Becker, L. A. (1983). *Characteristics and identification of gifted and talented students*. Washington, DC: National Education Association.

Webb, J. T. (1994). Nurturing the Social-Emotional Development of Gifted Children. *Teaching Exceptional Children*, 27, 76-82.

ANEXOS

Anexo I - Guião de Entrevista aos Pais

Blocos	Objetivos	Orientações para perguntar
Bloco A	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar os participantes 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar objetivos e razões da entrevista - Garantir o anonimato dos dados - Reforçar a importância da colaboração do sujeito
Bloco B	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterização da criança, da relação parental e dos antecedentes de frustração 	<ul style="list-style-type: none"> - Características cognitivas, sociais e emocionais - Desempenho Escolar - Aspectos Facilitadores e Dificuldades na Relação Parental - Atitudes perfeccionistas e de baixa resistência à frustração
Bloco C	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação, descrição e avaliação das estratégias adotadas perante reações de frustração 	<ul style="list-style-type: none"> - Reações/estratégias para lidar com a frustração - Eficácia/não eficácia das reações/estratégias - Exemplos/situações representativas destes comportamentos de frustração
Bloco D	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento das perspetivas dos pais em relação ao futuro dos filhos 	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupações dos pais em relação aos domínios cognitivo, emocional e expectativas futuras
Bloco E	<ul style="list-style-type: none"> - Validar a entrevista - Agradecimento 	<ul style="list-style-type: none"> - Garantir um futuro acesso aos resultados - Agradecer toda a disponibilidade prestada

Anexo II - Guião de Entrevista aos Filhos

Blocos	Objetivos	Orientações para perguntar
Bloco A	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista - Motivar os participantes 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar objetivos e razões da entrevista - Reforçar importância da colaboração do sujeito
Bloco B	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução da temática da baixa resistência à frustração - Questionar os filhos sobre as estratégias utilizadas pelos pais - Avaliar a perceção de eficácia dos filhos em relação às estratégias 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar situações passíveis de desencadear sentimentos de frustração, de acordo com os exemplos referidos pelos respetivos pais - Para as situações referidas, perceber quais as reações dos pais para os ajudar a lidar com a frustração - Estratégias levam/não levam à mudança de atitude - Emoções/sentimentos resultantes da aplicação das estratégias
Bloco C	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliar a perceção de eficácia quanto às estratégias referidas pelos pais e que não foram identificadas pelas crianças no Bloco B 	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever situações referidas pelos pais que podem conduzir à frustração - Para cada situação, perceber quais as estratégias que levam/não levam à mudança de atitude - Emoções/sentimentos resultantes da aplicação das estratégias
Bloco D	<ul style="list-style-type: none"> - Obter sugestões de estratégias eficazes 	<ul style="list-style-type: none"> - O que gostariam que os pais fizessem perante situações anteriormente referidas - O que gostariam que os pais dissessem perante situações anteriormente referidas
Bloco E	<ul style="list-style-type: none"> - Validar a entrevista - Agradecimento 	<ul style="list-style-type: none"> - Esclarecer Dúvidas - Agradecer toda a disponibilidade prestada



**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

